

OS PRINCIPAIS DISCÍPULOS DOS TRÊS GRANDES FILÓSOFOS

A FILOSOFIA MEDIEVAL: A Idade Média compreende mil anos de história (do séc. V ao XV). A ordem feudal, de natureza aristocrática, em cujo topo da pirâmide encontravam-se os nobres e o clero. A Igreja Católica consolidou-se como força espiritual e política. Em um mundo em que nem os nobres sabiam ler, os monges eram os únicos letrados, o que justificava a Iluminura medieval, a impregnação religiosa nos princípios morais, políticos e jurídicos da sociedade medieval. Como não poderia deixar de ser, a grande questão discutida pelos intelectuais da Idade Média era a relação entre razão e fé, entre filosofia e teologia. Destacaremos aqui duas tendências filosóficas: a patrística e a escolástica. • A patrística é a filosofia dos chamados Padres da Igreja, que teve início no período de decadência do Império Romano, quando o cristianismo se expandia, a partir do século II – portanto, ainda na Antiguidade. No esforço de converter os pagãos combater as heresias e justificar a fé, aqueles religiosos escreveram obras de apologética, para justificar o pensamento cristão.

PATRÍSTICA - Santo Agostinho sintetiza essa tendência com a expressão "Credo ut intelligam", que significa "Creio para que possa entender". Os Padres recorreram inicialmente à obra de Plotino (204-270), um neoplatônico. Adaptando o pensamento pagão, realizaram uma grande síntese com a doutrina cristã. O principal nome da patrística foi Agostinho (354-430), bispo de Hipona, cidade do norte da África. Agostinho retomou a dicotomia platônica do "mundo sensível e mundo das ideias", mas substituiu este último pelas ideias divinas. Segundo a teoria da iluminação, recebemos de Deus o conhecimento das verdades eternas: tal como o Sol, Deus ilumina a razão e torna possível o pensar correto. Na primeira metade do período medieval, conhecida como Alta Idade Média, foi enorme a influência dos Padres da Igreja.

ESCOLÁSTICA - No segundo período medieval, conhecido como Baixa Idade Média ocorreram mudanças fundamentais no campo da cultura já a partir do século XI, sobretudo em razão do renascimento urbano. Ameaças de ruptura da unidade da Igreja e heresias anunciavam o novo tempo de contestação e debates em que a razão buscava sua autonomia. Fundamental nesse processo foi a criação de inúmeras universidades por toda a Europa, o que indicava o gosto pelo racional, e que se tornaram focos por excelência de fermentação intelectual. A partir dessas mudanças, a escolástica surgiu como nova expressão da filosofia cristã. Nesse período, persistiu a aliança entre razão e fé, em que a razão continua como "serva da teologia". O principal representante da escolástica foi São Tomás de Aquino.

Durante a primeira metade da Idade Média, Aristóteles era visto com desconfiança, ainda mais porque as traduções feitas pelos árabes teriam interpretações que os religiosos viam como perigosas para a fé. A partir do século XIII - no período do apogeu da escolástica - Tomás de Aquino (1225-1274), monge dominicano, utilizou traduções de Aristóteles feitas diretamente do grego. Sua obra principal, a Suma teológica, é a mais fecunda síntese da escolástica, por isso mesmo conhecida como filosofia aristotélico-tomista. Embora continuasse a valorizar a fé como instrumento de conhecimento, Tomás de Aquino não desconsidera a importância do "conhecimento natural". Se a razão não pode conhecer, por exemplo, a essência de Deus, pode, no entanto, demonstrar sua existência ou a criação divina do mundo. Uma dessas provas é baseada na Metafísica de Aristóteles, quando o movimento do mundo em última instância é explicado por Deus, "CAUSA INCAUSADA". Além disso, tal como Aristóteles, para explicar o conhecimento, Aquino reconhece a participação dos sentidos e do intelecto: *o conhecimento começa pelo contato com as coisas concretas, passa pelos sentidos internos da fantasia ou imaginação até a apreensão de formas abstratas. Desse modo, o conhecimento processa um salto qualitativo desde a apreensão da imagem, que é concreta e particular, até a elaboração da ideia, abstrata e universal.* Daí em diante, a influência de Aristóteles tornou-se bastante forte, sobretudo pela ação dos padres dominicanos e, mais tarde, dos jesuítas, que desde o Renascimento, e por vários séculos, empenharam-se na educação dos jovens.

O pensamento de Tomás de Aquino ressurgiu no século XIX por obra do papa Leão XIII. O neotomismo representa o esforço de restauração da "filosofia cristã". No Brasil, encontrou terreno fértil. Desde a Colônia os jesuítas ensinavam atomismo e, em 1908, foi fundada no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, a Faculdade Livre de Filosofia e Letras, na qual ministraram aulas filósofos belgas seguidores dessa tendência. No entanto, se a recuperação do aristotelismo revelou-se recurso fecundo no tempo de Tomás de Aquino, no Renascimento e na Idade Moderna a escolástica tornou-se entrave para a ciência. Basta lembrar a crítica de Descartes e a luta de Galileu contra o saber intransigente dos escolásticos, fiéis demais à astronomia e à física aristotélicas e, portanto, avessos às novidades da ciência nascente.

A QUESTÃO DOS UNIVERSAIS - O universal é o conceito, a ideia, a essência comum a todas as coisas. Por exemplo, o conceito de ser humano, animal, casa, bola, cadeira, círculo. Desde o século XI até o XIV, uma polêmica marcou as discussões sobre a questão dos universais. Em outras palavras: os gêneros e as espécies têm existência separada dos objetos sensíveis? As espécies (como o cão) e os gêneros (como os animais) teriam existência real? Seriam realidades, ideias ou apenas palavras? As principais soluções apresentadas são: realismo, realismo moderado, nominalismo e conceptualismo. • **Para os realistas**, como Santo Anselmo (séc. XI) e Guilherme de Champeaux (séc. XII), o universal tem realidade objetiva (são res, ou seja, "coisa"). Essa posição é claramente influenciada pela teoria das ideias de Platão. • **O realismo moderado** é representado no século XIII por Tomás de Aquino. Como aristotélico, afirma que os universais só existem formalmente no espírito, embora tenham fundamento nas coisas. • **Para os nominalistas**, como Roscelino (séc. XI), o universal é apenas o que é expresso em um nome. Ou seja, os universais são palavras, sem nenhuma realidade específica correspondente. A tendência nominalista reapareceu com algumas nuances diferentes no século XIV com o inglês Guilherme de Ockam, franciscano que representa a reação à filosofia aristotélico-tomista. • **A posição conceptualista** é intermediária entre o realismo e o nominalismo e teve como principal defensor Pedro Abelardo (séc. XII), grande mestre da polêmica. Para ele os universais são conceitos, entidades mentais, que existem somente no espírito. As divergências sobre os universais podem ser analisadas a partir das contradições e fissuras que se instalaram na compreensão mística do mundo medieval. Sob esse aspecto, os realistas são os partidários da tradição, e como tais valorizavam o universal, a autoridade, a verdade eterna representada pela fé. Para os nominalistas, o individual é mais real, o que indica o deslocamento do critério de verdade da fé e da autoridade para a razão humana. Naquele momento histórico do final da Idade Média, o nominalismo representou o racionalismo burguês em oposição às forças feudais que desejava superar.